ANO 1 — LISBOA--TERÇA-FEIRA, 7 DE FEVEREIRO DE 1922 — N.º 260

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDAÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redação, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

QUE te parece que vai fazer agora o Cunha Leal?

—Eu sei lá. Provavelmente, descança uns dias...

—Mas depois?

—Toma assento no parlamento e começa a apoiar o governo.

—Fia-te nessa! Desde que o Afonso Costa voltou as costas aos seus amigos, o Cunha Leal têm um enorme papel a desempenhar.

—Qual papel?

—Impedir que os republicanos mandem mais telegramas para Paris.

—Que consegue ele com isso!

—Fazer do Afonso um ilustre extinto.

* * *

O *EXCELSIOR*, chegado ontem a Lisboa, publica um telegrama de Vigo em que se diz que o gabinete Cunha Leal foi obrigado a demitir-se, mas sem que se saiba se houve tumultos, por causa das eleições—tumultos que operariam uma mudança de governo.

Desde o momento que esta agencia mente sempre a nosso respeito, não poderiam os representantes de Portugal avisar a imprensa estrangeira de que lhe convinha adoptar dadas precauções em relação a taes embustes?

* * *

AFINAL não se sabe ao certo se ha ou não greve na Sociedade Estoril. O pessoal da linha diz que sim, os directores diz que não. Não se efectuam comboios de noite, tem havido actos de «sabotage» e o serviço, segundo os relatos dos jornais, está-se fazendo apenas com a normalidade possivel.

Haverá realmente greve?

* * *

O pessoal do gabinete da Presidencia do Ministerio é constituido pelos srs. Costa Amorim, chefe, e Rodrigues Gaspar, secretario.

O chefe do gabinete do sr. ministro do Interior é o sr. João Pedro dos Santos e o seu secretario o sr. Antonio José Correia.

* * *

SE fôr ávante a ideia de organizar um partido politico chefiado pelo sr. Cunha Leal deverão fazer parte da comissão organizadora os antigos parlamentares liberais srs. drs. João Bacelar e Alves dos Santos.

* * *

DIZIA-SE esta tarde na Arcada que os liberais antigos evolucionistas se absterão de comparecer no congresso que o partido realiza no Porto, nos proximos dias 4, 5 e 6 de março.

* * *

AFIRMAM-NOS que os parlamentares democraticos assentaram na escolha do sr. dr. Domingos Pereira para presidente da futura camara dos deputados.

* * *

É QUASI certo que os parlamentares democraticos elegerão seu «leader» na camara dos deputados o sr. José Domingues dos Santos.

* * *

OS «leader» e sub-«leaders» do partido liberal na Camara dos Deputados serão os srs. Barros Queiroz e Vicente Ferreira.

POLITICA NACIONAL

A vitoria eleitoral do Partido Democratico — já o acentuámos — não significa o aplauso da maioria do País á orientação daquele organismo politico.

A voz das urnas será sempre a voz dos caciques, emquanto os eleitores conscientes se deixarem amodorrar pelo comodismo da abstenção. Constata-se mesmo, além Lisboa, uma forte antipatia pelo partido que mais responsabilidades tem tido na marcha quasi sempre agitada da Republica—e que muitas responsabilidades tem dessa antipatia.

Mas, seja como fôr, é indispensavel reconhecer, porque as coisas são o que são, que o Partido Democratico vai governar constitucionalmente, visto que pelos meios que a Constituição lhe faculta, alcançou o Poder.

Não é o *Diario de Lisboa* inimigo dos democraticos. Nenhuma animosidade o move contra os seus actuais representantes no Terreiro do Paço. Mas entende, com a costumada serenidade, que o governo há dois dias organizado não deverá, para viver o tempo que as necessidades do País impõem, fazer programa de governo da politica partidaria.

Isso [illegible] me, impossivel de remediar.

O governo está na intenção de o não cometer. Tanto o sr. Antonio Maria da Silva como o sr. Lima Basto manifestaram publicamente o desejo de fazer politica puramente nacional. Mas é preciso que esse desejo seja bastante forte e que o compreendam e sintam todos os homens que compõem o gabinete.

Depois das tremendas convulsões que agitaram Portugal, há que trilhar, sob pena dum terrivel desmoronamento, uma senda de trabalho e de paz.

Devagar, mas com firmeza, o governo poderá trabalhar á vontade, se erguer acima da tacanhez das questões partidarias os problemas de interesse geral que ha tanto tempo esperam dedicações até agora arredadas deles.

Se fôr esta a linha de conduta traçada pelo sr. presidente do ministerio, a antipatia a que aludimos ao começar este artigo desvanecer-se-ha.

Devem os democraticos compenetrar-se de que a ida ao poder do actual ministerio representa para eles uma prova decisiva. Fazem parte dele os seus homens mais inteligentes e melhor cotados. O desaire será, portanto, enorme, se a sua obra não corresponder ás suas afirmações.

Esforce-se o sr. presidente do ministerio por cumprir as promessas feitas no seu discurso de posse.

E granjeará assim, com muito mais agrado do que pela boca das urnas, uma maioria de portuguezes que o aplaudirá e se postará incondicionalmente a seu lado.

S.

REGIONALISMO

—Dize-me, José, porque é que tu me vais todos os dias ao vinho do Porto?
—...Regionalismo, patrão... E' que eu sou de lá...

O SR. Cunha Leal dignou-se agradecer ao *Diario de Lisboa* o apoio que lhe prestou, emquanto foi governo, por intermedio do chefe de gabinete da presidencia, o tenente sr. Marrecas Ferreira.

Penhorou-nos a atenção, se bem que procedessemos sempre em harmonia com uma orientação, acentuadamente nacionalista, em que os homens só se valorizam, na medida em que se desprendam de interesses mesquinhos, para só cuidarem do bem da Patria.

O sr. Cunha Leal correspondeu plenamente aos nossos desejos, por isso facil nos foi acompanhá-lo com franca simpatia.

* * *

OS alunos da faculdade de Letras, reunidos em assembleia geral, elegeram para os representar no Senado Universitario a sr.ª D. Teresa Leitão de Barros, aluna altamente classificada e que este ano deve completar o seu bacharelato. Esta senhora, que os leitores do *Diario de Lisboa* mui bem conhecem, além de notavel poetisa, é tambem cultora do teatro, devendo em breve representar-se uma das suas peças.

* * *

EDUARDO Metzner, inteligente poeta revolucionario, que teve, nos ultimos anos da monarquia, a sua aura, [illegible] n.º 30, da enfermaria de S. José do hospital do mesmo nome. O seu estado, a despeito de melindroso, permite todas as esperanças, visto que o seu tratamento foi confiado ao clinico Augusto Mac-Bride.

* * *

ONTEM, na posse do sr. ministro do Trabalho, o director da Previdencia Social, sr. dr. João Luiz Ricardo, disse que o Instituto de Seguros Sociais carece duma reforma saneadora, tanto mais que há [illegible] não cumpra o seu dever nem como funcionario nem como republicano.

* * *

ESTEVE no *Diario de Lisboa* apresentando os cumprimentos de despedida do sr. dr. Nuno Simões, ministro do Comercio do governo transacto, o seu secretario particular sr. Ribeiro Gomes.

* * *

O *Diario de Lisboa* encetará brevemente a publicação duma serie de artigos sobre as nossas colonias, escritos pelo sr. coronel Granger, um ilustre colonialista.

* * *

PARECE que por falta de documentos, ao que se diz, não será validada a eleição do candidato monarquico sr. Antonio Sardinha.

* * *

O NOVO ministro das Colonias tem estado a trabalhar com o secretario geral do ministerio na importante questão respeitante á convenção Luso-Transvaliana.

* * *

FOI comunicado a todos os governos das nossas colonias a constituição do novo governo.

* * *

O SR. general Pedroso de Lima, comandante da 1.ª divisão do exercito, cumprimentou hoje os ministros.

PARA A HISTORIA DO REGICIDIO

A polemica Rocha Martins-Alfredo Pimenta

"Quem fez o 31 de Janeiro não foi a geração de 1890: foi a geração dos Rodrigues de Freitas, dos Jacintos Nunes, dos Latinos Coelhos"

diz ao "Diario de Lisboa" o escritor sr. dr. Alfredo Pimenta

Do sr. Alfredo Pimenta recebemos ainda sobre a polemica levantada no Diario de Lisboa *sobre a historia da tragedia do Terreiro do Paço a seguinte carta:*

Sr. director e meu amigo: — Perdõe. Mas o sr. Rocha Martins insiste na acusação em que pretende envolver a minha geração e a mim quanto ao regicidio. Defendi, até aqui, mais a minha geração do que o meu nome. E' justo que tambem a mim me defenda um pouco. Tenho confiança na sua lealdade, e prometendo não tornar a tirar-lhe espaço no *Diario de Lisboa* com este assunto, peço-lhe o favor de dar publicação a esta carta.

Para que o meu espirito fosse esclarecido sobre a tragedia de 1908, não precisei de vir para o campo monarquico. Bastou, para isso, que eu me libertasse da influencia da geração que dominou espiritualmente a minha, o que me sucedeu logo que, á irreflexão da mocidade impulsiva, sucedeu a reflexão da naturidade do meu espirito.

Cinco anos depois de 1908, *era eu ainda republicano*, exercendo, então, uma ação directora e não dirigida, pensando por mim, e não por sugestões alheias, em 1913, *ainda republicano*, convencido ainda de que a Republica era um regimen nacional e capaz de servir a Nação, *convencido ainda de* que a *Monarquia não voltaria ao País*, por impotencia e porque a Republica satisfaria as aspirações nacionais, em 1913 publiquei na *Republica*, orgão do Partido Evolucionista, o seguinte artigo comemorativo do Regicidio:

«O combate dificulta-se e concretiza-se. Mercê da sua inhabilidade, o governo puzera o Rei em foco, de sorte que a luta ia travada entre [illegible] como homem, e a Revolução em marcha. A' sombra da bandeira da Revolução, abrigavam-se os elementos mais heterogeneos, das mais diferentes origens, dos mais diferentes destinos . . . tudo se confundio, tudo se nivelou. O Rei desembaraçava-se das ficções constitucionais que o ocultavam, não sabemos com que intuito, *mas sem duvida alguma revelando* audacia e coragem. O governo, depois da solução criminosa da questão dos adiantamentos, em que tão inhabil fôra, apagava-se, apoucava-se ante as progressivas imposições da pessoa do monarca. E como os odios são tanto mais fortes e tanto mais cegos, quanto mais alto e mais firme se encontra a pessoa odiada, — o Rei era odiado. *Queremos acreditar que muito do que dele se dizia não passava de facil e perigosa lenda.* Tambem do executado Luis XVI dizia a lenda, que em sangue de crianças se banhava, o que fazia rugir de colera as loiras *tricoteuses* de Paris. Mas o certo é que o estado das coisas publicas, ruinoso e [illegible] a falta de vergonha dos politicos e a vida mentirosa que se levava, longos e longos anos de erros, de desperdicios, de loucuras, actuando sobre um povo de exacerbavel imaginação, tudo isso preparou a atmosfera favoravel á situação que provocou a morte de D. Carlos. *Ele foi a victima mais dos erros alheios do que dos proprios erros*, que aliás eram muitos. Quando D. Carlos subiu ao trono, já estavamos em crise, as finanças já estavam arruinadas, a vida da nação absolutamente comprometida, já o cáos era geral. A questão com a Inglaterra foi a faisca do momento. Quem lêr com cuidado todos os diplomas diplomaticos que dizem respeito a essa questão, depressa se convence de que ela se resolvia como se resolveu, ou nos levava á morte . . .

E porque não se resolvia de outra maneira? Porque a nossa situação, criada já de ha muitos anos, o não permitia. O reinado de D. Carlos foi talvez a gota que fez trasbordar a taça cheia de agua. E a ascensão de João Franco ao poder veiu dar á Republica a ajuda dos politicos descontentes, dos afastados das garantias do poder, dos invejosos, dos despeitados que logo a seguir á queda franquista voltaram costas á Revolução. O 28 de janeiro falhara. E todos nós, os que nesse movimento estavamos comprometidos, deitavamos contas á vida, interrogando o destino. Havia um silencio de morte. E os nossos corações mal batiam, de apreensivos. Para nós mesmos, todos nós preguntavamos: — E agora?!

Agora... Nessa tarde de um inverno doce, de um quasi outono, ao passar na sua carruagem descoberta, o Rei era morto, o herdeiro era morto, o filho mais novo era ferido...

O caso é de ontem. *Mas á medida que nos afastamos dele, mais nitidamente o vemos e com mais segurança o julgamos.* Que *beneficios trouxe* **para o País** *o derramamento do sangue do Rei?* Para nós, os conjurados de 28 de janeiro, evidentemente que foi um bem, porque aos presos trouxe a liberdade e aos que ainda estavam em liberdade a certeza de que não seriam presos. *Mas* **para o País**, *para a Nação?* As clientelas dos ausentes voltavam, os elementos mais perniciosos passavam a dominar, a reacção clerical governou como nunca julgara poder governar, como nunca governaria com D. Carlos vivo. E como pensamos que a Republica, expressão da «vontade nacional», alvo das «aspirações nacionais», alma vivida da Patria, seria um facto com D. Carlos ou sem D. Carlos, — *entendemos que a morte do Rei*, na melhor das hipoteses, *nada trouxe de bem para o País. A apreciação desse facto historico não pode ser feita isoladamente, independentemente dos factores que o produziram, do meio politico e social em que se deu, da epoca da vida nacional em que surgiu.* No estrangeiro, nunca ele foi bem julgado.

E nós pela nossa banda, tambem bastantemente temos contribuido para que esse mal julgado seja. Não ha que exalta-lo ou condena-lo. Os factos da Historia nem se cantam, nem se lastimam, nem se insultam: Constatam-se, observam-se, explicam-se. *A morte do Rei não pode ser explicada, nem como o sintoma de uma pretendida ferocidade nacional nem como a existencia de processos sistematicos de uma doutrina politica.* Foi um «acto individual», da responsabilidade de quem o praticou, provocado pela loucura, pelo pavor, da pela excitação em que viviamos, loucura, pavor e exaltação que actuaram sobre espiritos misticos enfurecidos. O testamento de um dos regicidas é um documento psicologico claro. O estrangeiro não tem sabido apreciar esse acontecimento. *E nós, não poupando mortos, não respeitando a morte que é respeitavel*, ainda que se trate do mais facinoroso bandido, *nós concorremos para essa má apreciação, prejudicando o bom nome do país.* **A' medida que o tempo for passando, ir-se-ão corrigindo juizos faceis e levianos. E assim, ainda um dia se verá que o Rei, que, no dia de ontem, ha cinco anos, foi morto ao chegar a Lisboa,** *nem era o genio santo que nos pregam os aulicos de Palacio,* **nem o bandido rancoroso que o odio tresloucado nos aponta.** Era um homem com graves defeitos que foi rei de um povo infeliz.»

Repito: eu era republicano, á data desse artigo que transcrevo na integra, sublinhando apenas as passagens que entendo devem ser destacadas, para melhor se ver a transformação que, já nessa epoca, se estava operando no meu espirito.

Em 1913, eu já não pensava como em 1908. Ainda não pensava como em 1922. Mas quão longe ia já de 1908!

O artigo, publicado sem assinatura, foi modificado no periodo final pelo director da *Republica*, porque...

Eu conto.

O director do *Republica* era o chefe do partido evolucionista. Eu escrevia os meus artigos, escolhendo sempre os assuntos, e dando-lhes a orientação que entendia. Antes de os entregar na redacção, lia-os ao sr. Antonio José de Almeida. Se [illegible] contrariavam o interesse politico do partido, recuzava-os, e eu escrevia sobre outro assunto. Isso deu-se talvez, em quatro anos de colaboração permanente, uma meia duzia de vezes. Sucedia tambem que nos artigos não assinados, uma expressão, uma palavra feria de qualquer modo o que ele pensava ser a conveniencia politica do evolucionismo, e a expressão, a palavra era modificada, com consentimento meu, visto não me fazer dizer o contrario do que eu pensava.

Foi o caso com esse artigo sobre o regicidio.

Lembro-me muito bem. No consultorio do sr. Antonio José de Almeida, estava, nessa tarde, com ele, o sr. Guerra Junqueiro. Eu li o artigo. Tanto um como o outro disseram-me que eu tinha uma noção errada de quem fôra D. Carlos. E para fundamentarem as suas afirmações, narraram factos que, na opinião dos dois, eram verdadeiros, e que diminuiam aos meus olhos a figura do rei. E então, onde eu escrevera — *Era um homem infeliz que foi rei de um povo infeliz*, o director do jornal para que se não dissesse que o *Republica* fazia a apologia do rei, pôs — *Era um homem com graves defeitos*, etc.

Aqui tem v., sr. director, a prova mais evidente da verdade da minha doutrina — quando sustento que a minha geração não foi culpada.

* * *

Quem fez o 31 de Janeiro, não foi a geração de 1890: foi a geração dos Rodrigues de Freitas, dos Jacintos Nunes, dos Latinos Coelhos. A geração de 1890 fez o 5 de Outubro, e educou a geração que está aí a dar provas praticas na governação do Estado.

Termino, e para não voltar. Creio, sr. director, que v. facilmente confessará que me mantive, nas duas cartas que escrevi, dentro da maxima correcção, da correcção que devo a v. e aos leitores do seu jornal.

De v., com a mais sincera consideração

Alfredo Pimenta

P. S. — Mas que autoridade tem o sr. Rocha Martins para acusar a minha geração, o sr. Rocha Martins, que julgou a filha do Buiça digna de ser entrevistada pela Revista de que é director, e, nessa Revista, lhe publicou os miseraveis dizeres?

A. P.

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS para todas as LOTERIAS

Pedidos a

F. SILVA GAMA

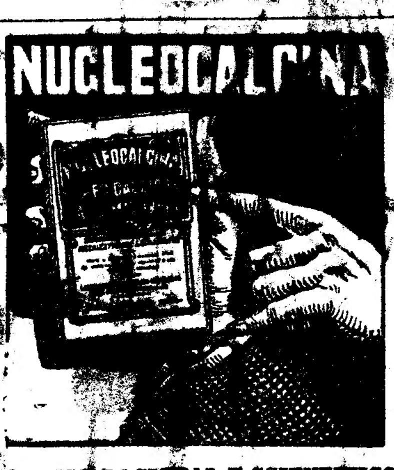
R. do Amparo, 51 — LISBOA

O ADVOGADO

José d'Arruella

R. Nova do Almada, 81. 1.º

Telefones 1949 ou 4343 (residencia)



TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO

Superior aos similares estrangeiros e nacionais

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos

CURA A

Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite

Farmacia Formosinho

18 — Praça dos Restauradores — 18

Ludovice, Limitada

Comissões e Consignações

Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Beleza

R. da Madalena, 36, 2.º — Tel. C. 3378

Secção Fiscal

Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais [illegible] regulamentos fiscais, etc., etc.

DR. ARBUÉS MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Grande ... Italia

DE DINERS

A PRIX FIXE ET À LA CARTE

Esmerado serviço de chá, chocolate e torradas

Rua 1.º de Dezembro

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

PANCADA, MORAES & C.A

Prata, ouro, moedas e notas de todos os paises, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer compra aos melhores preços

Rua Augusta, 37

(esquina da R. S. Julião)

LIVROS NOVOS

A Tentação de São Macario por Eugenio de Castro

Um trecho do belo poema que agora se publicou

O «Diario de Lisboa» publica a seguir um trecho brilhantissimo do poema «A tentação de São Macario», do insigne poeta Eugenio de Castro. Dentro de poucos dias o nosso critico literario referir-se-á largamente a tão talentosa obra.

Macário, alheio a tudo, adormeceu . .
Dormia
Co'a paz duma açucena ou duma cotovia.
Inteiramente surdo á blasfémia violenta
Praguejada no ar p'los uivos da tormenta,
Que em seu rude furor, aos ais e aos assobios.
Fazendo acachoar os mais plácidos rios
E badalar na sombra os sinos dos mosteiros,
Talava com fragor hortas, várzeas e outeiros,
Roncava, iroso oceano, em côncavos algares,
E destroncava, hostil, carvalhos seculares . . .

E Macário dormia . . ,
Ao pé da tempestade,
Que com tamanha fúria e tanta crueldade
Lhe devastara o peito, a procela d'agora,
Apesar de tão vil e de tão regidora,
Tinha a fresca inocencia, a doçura e o cando,
Duma brisa d'abril num jasmineiro em flôr . . .

E Macário dormia . . ,
E a tormenta acalmou-se . . .
E a lua ressurgiu das nuvens, clara e dôce;
De novo, o céu se encheu de estrêlas renascidas,
Que nem par'cia céu, mas chão de margaridas
E de novo, no val', entre os campos lavrados
E a muda procissão dos choupos alinhados,
Como um reptil de prata, ardeu de novo o rio
A ouvir os rouxinois cantando ao desafio!

E a noite foi correndo e a lua desmaiando,
A' proporção que um alvôr aurirósado e brando
Apontava, a hesitar, das bandas do nascente . . .
Tremia na atmosfera um bafejo luzente,
Que, reanimando tudo, a tudo restituia
A nitidez e a côr apagadas com o dia . . .
Dos ribeiros, no val', denunciando o rumo,
Brumas se erguiam no ar, de alvo e estagnado fumo
Riam aguas de rega ao fundo das congostas.
E no declive brando e lento das encostas
Alvejavam casais e verdejavam vinhas . . .
Crepitavam no azul revoadas de andorinhas,
Cruzando-se, a piar, com revoadas de pombas;
E, animando o silencio e a solidão das lombas,
Víam-se caminhar, lentos, pelos atalhos,
Exodos pastoris de argentinos chocalhos . . .

E o nascente era agora a forja de Vulcano!

A vida, a negra vida, este destêrro humano,
Onde as mais altas e leais aspirações,
D'azas pedindo um par, conquistam só grilhões;
A vida que, a arquejar por lugubres caminhos,
Buscando c'rôas reais, só as acha de espinhos;
Que, reclamando sóis, só topa com gangrenas,
E, sequiosa, em vez d'agua, encontra lama apenas:
A vida amarga e triste, a vida angustiosa
Era, nessa manhã perfumada e radiosa,
Não a vida cruel da inveja e da vingança,
Mas a vida do amôr e da ingenua esperança;
Não a vida feroz de Cain e da treva,
Mas a vida da luz e da inocencia de Eva!

TEATRO SALÃO FOZ
O novo quadro
AMOSTRAS SEM VALOR
O mais engraçado que tem aparecido nos ultimos anos
Brilhante desempenho de toda a
Companhia Otelo de Carvalho
PREÇOS POPULARES
A 2.ª sessão finda á meia noite.

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada
Telef. C. 3063
HOJE, Terça-feira, ás 20 horas em ponto: 27.ª recita ordinaria — A grande obra de Wagner
PARSIFAL
AMANHÃ, Quarta-feira, ás 21 horas
A opera de Puccini
BOHÈME
sob a direcção de Vittorio Gui, estreando-se a soprano Alma Bucci e o baritono Roggio, e tomando parte os cantores Annita Gatti, Bagnariol, Griff, Erauzkin e Spadoni.

THEATRO NACIONAL
TODAS AS NOITES
GRANDIOSO SUCESSO
O CENTENARIO

EDEN-TEATRO
Empresa Henrique Barreiros, Limitada — Companhia de revistas de António de Macedo, de que faz parte o actor Nascimento Fernandes
2 SESSÕES
A's 8,30 A's 10,30
O ultimo sucesso de Lisboa!
A revista sempre triunfante!
Mais de 2:500 representações
O 31
Um numero repetido sete vezes em cada sessão
A DESGARRADA
Todas as noites copias novas

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz na tabacaria Malafaya.

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
HOJE — Extraordinario êxito
A comedia de ANDRÉ BRUN
O JUIZ DE FÓRA
NOITE DE GARGALHADA
Estão suspensas as entradas de favor
QUARTA-FEIRA, 15, — Festa artistica de Teodoro Santos — O JUIZ DE FÓRA
— Bilhetes á venda.

AVENIDA
O TOUREADOR
Estão suspensas as entradas de favor

POLITEAMA
A's 21,30 Telef. N. 3.000
A 8.ª MULHER DO BARBA AZUL
GRANDE ÊXITO DE LUCILIA SIMÕES
A linda peça, tradução de E. Rodrigues, F. Bermudes e J. Bastos.
Orquestra Sinfonica de Lisboa
Domingo, 12.º Concerto — Regencia de FERNANDES FÃO.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430
Telegrafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR, L.da
Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Cobardia

Ele e ela têm qualquer idade entre vinte e quarenta anos. A conversa passa-se em qualquer parte em que seja verosimil: sala, teatro ou tea-rower.

ELE—E qual, é o defeito que mais pode prejudicar o homem aos olhos da mulher?

ELA—A cobardia.

ELE—E que especie de cobardia? Ha tantas!

ELA—Todas: a cobardia fisica, a cobardia moral, a cobardia intelectual.

ELE—Ora faça-me o favor de defini-las.

ELA—E' facil a definição. O homem que tem a cobardia fisica foge quanto ha revoluções, dá tudo para não ir para a guerra, é incapaz de bater ou de se bater e tem sempre mil pretextos para não aparecer onde haja perigo: a mãe pediu, a mulher chorou, a filha ... E nesta epoca de revoluções e de bombas, de guerra e de assassinios, ainda ha muito quem tenha medo, que não se disfarça, medo em que não ha sequer pudor!...

ELE—E a cobardia moral?...

ELA—E' cumplice da cobardia fisica, que ajuda e que aumenta, e tem por sua conta propria muito em que se empregar. A cobardia moral pratica más acções de que não toma a responsabilidade e a cujas consequencias se furta, com razões mais ou menos fundadas e mais ou menos subtis. A cobardia moral é egoista-leviana e inconsciente algumas vezes ... ou... quasi sempre.

ELE—E a cobardia intelectual?

ELA—... da cobardia moral, mas ... Não tem o desassombro de opiniões e gestos proprios, encosta-se ás ideias ... não se dá ao trabalho de ... e de ver pelos seus proprios olhos e aceita a perspectiva que lhe é imposta pelos olhos alheios...

ELE—E parece-lhe que qualquer dessas cobardias desprestigia o homem perante a mulher?

ELA—Parece-me que sim... A mulher admira talvez a maldade, até o crime, mas não a fraqueza.

ELE—Pois na mulher há tambem muita cobardia...

ELA—Isso é verdade, mas usa de pseudonimos que não lhe ficam mal...

ELE—E são?..

ELA—Para a cobardia fisica-medo; para a cobardia moral-astucia; para a cobardia intelectual-frivolidade.

Maria de Carvalho

No Cinema Condes

A estreia de hoje

O 3.º e 4.º episodios da *Soberania do Mundo*, que hoje tem a sua estreia no Condes, continuam a desenrolar com o maior interesse as curiosas aventuras de Maud Gregard no Extremo Oriente, onde foi parar iludida por um anuncio para afinal ser hediondamente explorada numa casa de chá, que assim se chama aos bordeis chineses.

Maud Gregard consegue fugir, graças ao auxilio de um medico chinês, formado na Europa, e do consul da Dinamarca, sua terra natal, sendo interessantissimo seguir a sua aventurosa odisseia na explendida interpretação que lhe dá a grande actriz alemã Mia May.

No programa de hoje figuram ainda os mais notaveis e explendidos *films* da ultima semana, entre os quais a adoravel comedia de Wolff *Marionettes*, em Lisboa criada pela grande actriz Palmira Bastos.

OS FERROVIARIOS DO ESTORIL

A GREVE NA LINHA DE CASCAIS

E O QUE QUERIAM OS GREVISTAS

O "Diario de Lisboa" entrevista o engenheiro-director sr. Manuel Belo

O serviço está quasi restabelecido

Um gabinete pequeno. Tons severos. Na parede uma téla representando a futura estação do Estoril. Uma secretaria americana, um estirador com varios desenhos por acabar. Estamos no gabinete do director da linha de Cascais, o engenheiro sr. Manuel Belo, rapaz novo, de olhar vivo, que, como oficial de engenharia, cumpriu o seu dever na Flandres.

—Que nos diz das reclamações dos grevistas?

—Perdão... não há grevistas. Há apenas alguns ferroviarios que se não apresentaram ao serviço receando as agressões dos que foram demitidos. Aqui tem cartas que o atestam. Outros vieram pessoalmente fazer essa declaração. Há apenas reclamações dos demitidos que em reuniões varias se apresentam como falando em nome dum pessoal a que já não pertencem.

—Mas em todo o caso que reclamações são essas?

—Reclamam contra o que eles proprios pediram. O horario das 10 horas vigora desde Março de 1920, há dois anos. Quando apareceu o horario do trabalho dando 49 horas por semana, eles passaram a ganhar menos do que ganhavam antes. Pediram que, em vez de novos turnos, se assegurasse o serviço com o pessoal existente. Passaram a trabalhar 10 horas, e como compensação ganharam mais 1|8 do vencimento por cada hora e passaram a ter direito a 52 dias por ano de licença com vencimento. Todos acharam optimo, e durante estes dois anos ninguem reclamou. Tenho ahi o convenio assinado por todos eles. Se a Sociedade atendesse a reclamação dessa meia duzia de discolos, seriam os restantes os primeiros a protestar.

—E as 12 horas de que falam?

—Protestam contra elas aqueles a quem esse horario não atinge. Pediram essas 12 horas aqueles a quem elas aproveitam. Desde Agosto que a maior parte dos chefes de estação e os factores de 1.ª pediam esse horario. Compreende-se. Morando nas estações e nelas estando presentes quasi sempre, esse pessoal só tem vantagem em que sejam consideradas como serviço as horas que ali permanece ganhando assim o aumento correspondente. A Sociedade, pelo seu lado, tem vantagem nisso porque fica melhor assegurada a vigilancia das estações e das receitas, evitando-se casos que já se têm dado.

—Mas eles dizem que a Sociedade quere aplicar esse horario a todo o pessoal...

—Não quere, nem tal coisa lhe conviria. Esse horario é apenas aplicado aos chefes das estações e aos factores de 1.ª e apenas áqueles a quem convém. Houve um, por exemplo, a quem tal não convinha por motivos particulares. Ninguem o perseguiu e ele continua ao serviço, sendo até por sinal um excelente empregado. Ao restante pessoal não convém mesmo á Sociedade que tal horario se aplique, pois representaria um enorme aumento de despesa, sem vantagem para o serviço.

—Mas então...

—Então... É assim... Vão para as associações, fazem discursos inflamados, iludem uns pobres rapazes que se deixam levar por essa eloquencia barata e desatam a protestar contra aquilo que pediram ou contra aquilo com que nada têm.

—E as outras reclamações?

—Quais são?!

Puxámos por um jornal da manhã e lemos:

—Readmissão dos que foram demitidos, pagamento a esses e aos outros dos dias em que não trabalharam...

—Readmissão dos que foram demitidos?... Sobre esse assunto seria interessante saber a opinião dos passageiros, e quasi todos eles operarios, que seguiam no comboio que esses discolos fizeram descarrilar. Esses passageiros que só por milagre escaparam de uma morte mais horrorosa do que a que tiveram as vitimas do descarrilamento na linha do Sul e Sueste, haviam talvez de gostar de ver readmitidos aos serviço da linha que frequentam criaturas que para fazerem vencer os seus propositos não hesitaram em sacrificar as vidas de centenas de pessoas que nada têm com o assunto. Porque é bom que se saiba que outros comboios não descarrilaram mercê da vigilancia e dedicação do pessoal que se tem mantido ao serviço. Parece-me pois que a readmissão de tais criaturas levantaria contra a Sociedade a indignação de todos os passageiros dos nossos comboios.

—Há ainda uma outra reclamação. Equiparação de vencimentos e salarios aos da C. P.

—Isso é uma mistificação. A alguns empregados que de bôa fé e incidentalmente aqui me falaram disso, mostrei eu que a situação do pessoal da Sociedade Estoril é melhor que a do pessoal da C. P. E eles compreenderam melhor a verdade dos numeros que eu lhes apresentei, do que compreendem com certeza os desconchavos que lhes vão berrar nas reuniões do sindicato.

—Mas então o seu pessoal...

—O nosso pessoal foi sempre o melhor de todas as linhas e sempre comnosco viveu em completa harmonia. Quando houve greves noutras companhias ele manteve-se sempre no seu posto, cumprindo honradamente o seu dever. E se algumas vezes o serviço foi interrompido, não foi por culpa dele, mas de alguns maquinistas da C. P. que estavam fazendo serviço na nossa linha... Mas infelizmente...

—Infelizmente?...

—Infelizmente alguns elementos expulsos da C. P. e admitidos por caridade na Sociedade Estoril, pois estavam com fome, faltaram redondamente á sua palavra de honra e começaram de ha uns tempos para cá procurando indisciplinar o pessoal e provocar movimentos. Foram prevenidos de que tivessem juizo. Responderam assinando um oficio e remetendo ao conselho de administração uma moção insolente e acintosa. Foram demitidos. Se há alguem neste país que não aprove essa resolução, é porque esse alguem ou é cego ou é doido.

—É uma comissão que aqui veiu?

—Eram seis... Todos eles pessoal da menor categoria, e quasi todos eles de menor idade. Carregadores e factores de 3.ª. A Sociedade «Estoril» declarou que emquanto os serviços não estivessem completamente normalizados não recebia nem apreciava nenhum pedido do seu pessoal.

—Então a sua impressão?

—A minha impressão é que a saída desses elementos perturbadores foi um alivio para o restante pessoal, que ha uns meses para cá vinha mostrando-se inquieto e desassocegado com a rede de intrigas e de ameaças tecida por meia duzia de discolos que berram que os lançaram na miseria, sem se lembrarem que na miseria iam lançar as familias de todos os operarios que seguiam no comboio que eles fizeram descarrilar, e que é precisamente aquele em que seguem para a sua vida os que trabalham nos arredores da cidade.

—E o serviço está restabelecido?

—Apenas por prudencia não fazemos alguns comboios da noite.

Jaime Teixeira

Chegou hoje a Lisboa o sr. Jaime Teixeira, intendente geral de emigração em Moçambique. O *Diario de Lisboa* publicará interessantes impressões desse funcionario ácêrca daquela florescente colonia.

MULHERES—MERCADORIA!

MISSÕES AMERICANAS NA EUROPA

PARA ADQUIRIR MULHERES

O culto da poligamia

defendido na Alemanha e em Londres

A Turquia acabou ha pouco tempo com os harens, instituição privativa dos grandes senhores turcos, e que durante seculos constituiu um motivo interessantissimo para os romancistas de todos os tons e para os poetas do realismo. A Turquia, que já depois da guerra realisou em Constantinopla o milagre de eliminar os seus cem mil cães, enviando-os para a famosa ilha onde eles, depois de se devorarem uns aos outros, apodreceram ao sol espalhando miasmas trinta milhas de mar em roda, colocou-se á altura de civilização exigente dando liberdade ás suas lindas mulheres, ainda que com sacrificio dos moralistas.

Pois a civilização — que a Turquia defendeu — acha-se comprometida na Europa mais adeantada.

Essa aspiração sectarista apenas, pode dizer-se, mas bastante comprometida pela liberdade de propaganda que tem sido dada a uma seita americana, que propaga a doutrina da poligamia, e veio á Europa de proposito adquirir mulheres pela persuação.

Nós transcrevemos o telegrama da *United Prisse*, agencia da maior seriedade, e que dá por si só garantia de que a essencia do telegrama não constitue uma *blague* facil de *magazine*:

BERLIM, 7. — A seita americana dos Mormões, que adopta a poligamia, enviou missões á Europa para converter mulheres ao seu culto, porque os Mormões sofrem de crise de falta de mulheres. A imprensa alemã tem-se já referido a esse facto, prevenindo o sexo fraco contra as sugestões dos novos apostolos, que encontrarão na Alemanha um campo muito favoravel dada a percentagem de mulheres, muito superior á dos homens. Informam de Londres que fazem nos arredores desta cidade grandes conferencias e distribuem numerosos panfletos. As conquistas até agora não têm sido notaveis.—(U. P.)

As conquistas não tem sido notaveis... Registe-se o fenomeno para dignificação da mulher europeia e para honra dos homens dos paises atacados pelos Mormões.

Ordem do Exercito

A «Ordem do Exercito» da 2.ª serie deve ser distribuida na proxima segunda feira.

Governador civil

O sr. Agatão Lança não continuará á frente do distrito

O sr. Agatão Lança, que tem exercido com muita inteligencia e cordura o cargo de governador civil de Lisboa, teve esta tarde uma larga conferencia com o sr. presidente do ministerio que mais uma vez lhe pediu para não abandonar a chefia do distrito.

Julgamos poder asseverar que o sr. Agatão Lança insistiu pela sua demissão.

Durante o dia de hoje esteve no seu gabinete, acompanhado dos seus secretarios, os srs. dr. Ferreira de Sousa e Raul Estéves dos Santos, pondo os processos em ordem.

Afirma-se que o sr. Agatão Lança tenciona sair de Lisboa ainda esta noite.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

O CONFLITO DE MACAU

FICARÁ RESOLVIDO COM HONRA PARA AMBAS AS PARTES?

Fala um dos delegados portugueses á reunião de Washington

A conferencia de Washington deu por findos os seus trabalhos. Lord Balfour, no seu ultimo discurso, enalteceu a obra da conferencia, dizendo estarem aplanadas todas as dificuldades que existiam para a solução dos problemas do Extremo-Oriente. As relações da China com as potencias estão a caminho de serem regularizadas.

E' bom não esquecer que Portugal tinha interesses ligados á conferencia de Washington. O problema de Macau, que ultimamente tanto deu que falar — se os nossos delegados não se esqueceram de invocar a soberania portuguesa — deve ser a esta hora um assunto arrumado.

Ha poucos dias, chegou a Lisboa uma pessoa que o governo encarregou de ir a Washington, em missão oficial, a fim de documentar o ponto de vista português sobre a nossa colonia do Extremo Oriente. E' o tenente de marinha sr. Cunha Gomes, que ha muito tempo reside em Macau.

O velho conflito que existe entre Portugal e o governo de Cantão é-lhe quasi familiar. O *Diario de Lisboa* avistou-se hoje com o tenente sr. Cunha Gomes. Poucas palavras, porque o distinto oficial de marinha não chegou a tomar parte na Conferencia de Washington.

—Até á data em que saí de Washington, a questão de Macau ainda não tinha sido posta pelo primeiro delegado português, o visconde de Sousa d'Alte.

—E julga v. ex.ª que a Conferencia se ocupou de Macau?

—Tenho razões para não pensar assim, visto que a Conferencia de Washington se ocupava apenas de generalidades. Macau é um detalhe do problema do Extremo Oriente.

—Em que ponto estão as negociações diplomaticas com o governo de Cantão?

—Tenho conhecimento de que o assunto ficará arrumado em breve com honra para ambas as partes.

—O ultimo conflito foi originado tambem pelas obras do porto?

—Não! Esse caso está já resolvido pelo acordo de 1920. Os chineses até hoje têm respeitado esse acordo. O incidente que se deu entre a guarnição portuguesa e os tripulantes dum barco chinês foi motivado por uma velha questão de delimitação de fronteiras.

—Fronteiras terrestres?

—Terrestres e maritimas.

—E' em volta desse conflito que giram agora as negociações?

—Naturalmente. Quando passei em Hong-Kong vinha o sr. Batalha Reis de Pekim, a fim de tomar parte nas negociações.

—E julga v. ex.ª que o assunto ficará resolvido...

—Assim o creio.

O sr. Cunha Gomes não quiz dizer mais nada. Mas ele, que assim o crê, lá deve ter as suas razões...

Atentado contra o agente Serra

Foi hoje largamente interrogado pelo agente Pereira dos Santos o conhecido vigarista Raul da Silva Monteiro «o orelhas de osso», que no domingo ultimo, á noite, no Rossio, feriu com tiros de revolver o agente da policia de investigação Manuel Joaquim Serra. Confessou ser o autor da agressão.

O estado do agente Serra é satisfatorio, tendo sido muito visitado na sua residencia por colegas e amigos.

UM ASSUNTO BEM LISBOETA

A HISTORIA DAS OBRAS DO ROCIO FEITA PELO SR. ALBERTO TOTA

Uma opinião sobre arquictetura pombalina e os receios do sr. Paiva e Pona

As atribulações de uma vereação

A questão do Rocio, arrumada com uma carga de cavalaria e uns arremedos de obras que ameaçam eternizar-se, ressuscitou-a hoje o sr. Alberto Tota, ex-senador e no momento actual industrial de bolachas e chocolates, durante três quartos de hora de conversa em que nos apresentou episodios pouco vulgarizados, senão desconhecidos. Primeiro, a explicação dos motivos que levaram a edilidade a abolir as tradicionais *ondas* e a facilitar o transito dos veículos com prejuizo da integridade fisica dos passantes:

—Nós recebiamos queixas constantemente. Rara era a sessão da comissão executiva, em que não apareciam *chauffeurs* e cocheiros a protestar, que o Rocio era pequeno e que se impunha fazê-lo crescer um poucochinho mais. Os homens das hortaliças, todas as madrugadas, proibidos de atravessar o Rocio quando a caminho da praça da Figueira, ou davam a volta pelo Arco de Bandeira ou lá por cima, pelo largo da Anunciada.

—Essa é a génese da ideia?

—Não; a ideia de transformar o Rocio existia ha muito. Na 3.ª repartição existiam uns três projectos e foi perante a insistencia dos protestos que resolvemos dar execução a qualquer deles. Escolhemos o que nos pareceu mais pratico e, uma madrugada, fita metrica na mão, lá fomos medir a praça e marcar as transformações. Mas isto tudo não passava de planos.

—No entanto...

—Mas o amigo é que não sabe como a tragedia do Rocio começou! Nesse verão de 1919, eu e minha familia encontravamo-nos na Praia das Maçãs, a gosar a doçura tradicional do nosso clima. Uma bela manhã para-me um automovel á porta e salta de lá de dentro o meu ex-colega Paiva e Pona. «Querem-me matar!» exclamou. Em seguida, relatou-me um conflito ocorrido na vespera, que meteu muitas pistolas e uma maior dóse de sangue-frio que permitiu evitar qualquer episodio triste. «Mas porquê?» interroguei. Qual não foi a minha estupefacção quando Paiva e Pona me contou que tinham começado a transformar o Rocío, de surpresa, o que provocara um levantamento da população que ameaçava degenerar em movimento insurreccional...

—Mas você era alheio á questão?

—Completamente. Nessa altura entretinha-me com o pelouro da higiene, mas, mau grado meu, tive que intervir, por uma questão de solidariedade. Paiva e Pona arrastou-me até Lisboa e só aqui, por intermedio dos jornais, vim a saber que passava á posteridade, por intermedio de uma taboleta que designava por *Avenida Alberto Tota* uma das ruelas rasgadas do empedrado do Rocio. Foi então que intervim no conflito. Apareceram-me na Camara inumeros amigos dos monumentos nacionais e os arqueologos; a despeito do seu inveterado pacifismo, trataram de intensificar a agitação. Artigos, discursos, improperios... Lembro-me de que um dos arqueologos que maior indignação exteriorizava, era o sr. Matos Sequeira. Denominava o Rocio de um dos melhores exemplares da arquitectura pombalina e de vandalos para cima chamava-nos tudo... Pois um belo dia, como encontrasse lá em casa, entre outros livros, os seus dois volumes sôbre Lisboa antiga, tratei de os folhear e fui deparar, com grande surpresa minha, com passagens em que se dizia do estilo pombalino o que Mafoma não disse do toucinho! Emfim, a trovoada passou e as obras continuaram.

—?

—O melhor é que, ao fim de algumas semanas, apareceu o chefe da 3.ª repartição a comunicar que os estudos estavam errados e que, devido á diferença de nivel entre o lado do teatro Nacional e o do Arco de Bandeira, não só o monumento devia ficar elevado algumas desenas de centimetros, mas ainda as aguas do proximo inverno invadiriam os estabelecimentos! E o que era necessario? Escangalhar o que havia de feito—e que absorvera cerca de 60 contos—e proceder a um desaterro que não ficaria nada barato. Calcule! Virei-me para os meus colegas da vereação e disse-lhes: «Meus amigos, temos de comprar passagem para o Rio de Janeiro e fazer as malas!»

—E como resolveram a dificuldade?

—Chamámos o pessoal da Camara e estabelecemos um prazo de oito dias para descobrir a maneira de nos livrarmos de complicação tão grave... Eles lá marcharam, madrugada tambem e com teodolitos e demais material, a fim de fazerem medições que lhes permitissem achar o expediente salvador. Decorreram dias. Uma tarde—para alivio de todos nós—surgiram-nos radiantes. *Eureka!* Tudo se descobrira! As obras poderam prosseguir, dissimulando-se o desnivel da estatua e rasgando-se ao longo do quarteirão do Arco de Bandeira, um esgoto gradeado que tem deixado muitos transeuntes apreensivos, por não lhe descobrirem facilmente a utilidade...

—Assim foi resolvida a tragedia do Rossio.

—E' verdade! Mas as dificuldades não ficaram por aqui. O dinheiro começou a faltar — o que não é motivo para admirações porque a ideia estava guardada para mais tarde, para quando houvesse verba. Além disso, a pedra branca empregada nos calcetamentos e que denominamos *vidraça* desapareceu das pedreiras dos arrabaldes, de maneira que pensamos em substitui-la por paralelopipedos de granito. Infelizmente, a guerra destruiu essa industria do Norte, outr'ora florescente, e não nos foi possivel continuar as obras com a rapidez precisa. Já vê que, em torno desta questão do Rossio, andou muito azar em vez da tão apregoada incompetencia da edilidade...

Policia de Defesa Social

O sr. Antonio Damião dos Santos insiste pela demissão

O sr. Antonio Damião dos Santos, adjunto da Policia de Defesa Social, instou hoje junto do sr. Ministro do Interior pela sua demissão daquele cargo. Parece que o pedido não foi aceite.

Imprensa

No dia 19 do corrente começa a publicar-se em Almada, sob a direcção do sr. Simões Pimenta, um semanario republicano que tratará especialmente dos interesses dos concelhos da margem sul do Tejo.

Um evadido da Penitenciaria

que foi parar á enfermaria da mesma cadeia depois de uma queda

Evadiu-se hoje da Penitenciaria o preso n.º 379, David Moreira, de 28 anos, que estava numa das celas da ala B. David Moreira fez um buraco no tecto da cela, por onde saiu, e estava prestes a recuperar a liberdade, quando teve a pouca sorte de fracturar uma perna, ao saltar o muro que separa a cadeia da rua.

Conduzido ao hospital de S. José recebeu ali curativo e foi recapturado, por se descobrir a sua identidade. Recolheu depois á enfermaria da Penitenciaria.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

Os Teatros

Musica

Chegou ontem a Lisboa Roger Godier, o jovem e já celebre pianista francês, que, como já foi noticiado, vem realizar em Lisboa alguns concertos.

As suas primeiras audições realizar-se-hão nos dias 10 e 13 do corrente no Salão do Conservatorio.

A primeira, consagrada á musica francesa moderna, compreenderá as obras de Debussy, Ravel, Dupont, Fauré, Saint-Saëns, Rhené Baton, assim como uma deliciosa composição de Viana da Mota.

A segunda será composta de obras classicas de maior envergadura, tais como os «Estudos Sinfonicos», de Schumann, a «Tocata», e «Fuga em ré-menor», de Bach, os «Funerais», de Liszt, assim como trechos de musica espanhola e russa.

Roger Godier acaba de percorrer a Italia e a Espanha, tendo em Madrid dado um concerto na côrte, a convite dos soberanos espanhoes e, depois de se fazer ouvir entre nós, empreenderá uma larga «tournée» pela America, sendo todas as suas digressões artisticas patrocinadas pelo ministerio das Belas Artes francês.

Roger conta em Portugal numerosos amigos e admiradores que aguardavam mais esta ocasião de o aplaudir. Os bilhetes para os seus dois primeiros concertos podem ser procurados no Conservatorio de Lisboa.

Mais uma vez

Mais uma vez, o teatro Avenida recusou-se a satisfazer ao domingo a requisição de bilhete do «Diario de Lisboa». Já aqui o dissemos: se a empresa do teatro Avenida responde com uma incorrecção ás amabilidades que o nosso jornal lhe tem dispensado, como, de resto, a todos os teatros, o «Diario de Lisboa» só tem um caminho a seguir: passar sem o bilhete do Avenida, como o Avenida passa muito bem sem o «Diario de Lisboa».

Atrás do reposteiro

Sabemos de fonte segura que tudo quanto se tem propalado e de que os jornais se têm feito éco, a respeito do teatro Sá da Bandeira, não passa de pura fantasia. Este teatro está tomado pelo empresario José Loureiro até ao fim de maio para ali funcionarem as companhias Cremilda de Oliveira-Chaby Pinheiro e Satanela-Amarante. O mesmo teatro está egualmente tomado de outubro em deante para ali funcionarem as companhias Aura Abranches-Adelina-Azevedo, Lucilia Simões, no seu regresso do Brasil e Rey Colaço-Robles Monteiro, todas contratadas pelo mesmo empresario José Loureiro e funcionando egualmente nos teatros Politeama e Avenida, de Lisboa, conforme as conveniencias da empreza, a que está associado o emprezario Luiz Pereira, quer nos negocios de Portugal, quer nos do Brasil.

—A revista de Antonio Carneiro e Lino Ferreira *Giga-joga*, em ensaios no Salão Foz, terá um quadro, o segundo, da autoria de André Brun, que não assinará, no entanto, a revista, visto um dos espectaculos seguintes do mesmo teatro ser composto de uma revista da sua exclusiva responsabilidade.

—O teatro Avenida está já tomado desde o começo de abril até ao regresso da companhia Satanela-Amarante do Brasil.

—A companhia que o actor Carlos de Oliveira levou ás ilhas, mal organisada, de fraco elenco e reportorio deficiente, encontra-se ali em tal situação que o seu director solicitou do governo passagem gratuita para os artistas a bordo de qualquer barco do T. M. E., a fim de regressarem a Lisboa.

—Pelas nossas informações, parece que não mentiremos afirmando que o novo teatro que se vai construir propositadamente para o actor-empresario José Alves da Cunha e a sua companhia será erguido na esplanada do antigo Terrasse-Bragança, com entrada pela rua Antonio Maria Cardoso.

—Repete-se amanhã, em S. Carlos, em 27.ª recita ordinaria, a obra de Wagner «Parsifal», que tem obtido um grande exito. Quarta feira, em 28.ª recita ordinaria, para estreia da soprano Alma Bucci, será a primeira representação da opera de Puccini «Bohemia».

—O 5.º quadro da revista «Giga-Joga», que no Salão Foz sucederá á «Bichinha Gata», foi assim distribuido: «Senhora que se pinta», Laura Costa; «Saipeira», Lina Demoel; «Lavadeira», Lina Coelho; «Caixa», Eugenia Quintão; «Sonho», Judite Marques; «José Calado», Antonio Gomes; «Amarelo», José David; «Carvoeiro», Pestana de Amorim.

Otelo de Carvalho tem a seu cargo um papel interessantissimo.

—Entrou ontem em ensaios no teatro Chiado Terrasse, para suceder ao *Juiz de Fora*, a comedia em 3 actos de Georges Berr e Pierre Decourcelle *Dix minutes d'auto*, adaptada livremente á scena portuguesa por André Brun com o titulo *4928 Lx.* Esta comedia já foi representada com grande exito em 1915, no palco do antigo Gimnasio e foi agora revista e actualizada pelo seu adaptador.

—No Teatro Chiado Terrasse pensa fazer-se, depois do Carnaval, uma reposição da comedia de André Brun *A visinha do lado*, estando a empresa em contrato com dois artistas, a fim de retomarem os papeis creados por Maria Matos e Cardoso.

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.DA

292, RUA AUREA

TEL. C. 854

Representantes da fabrica:

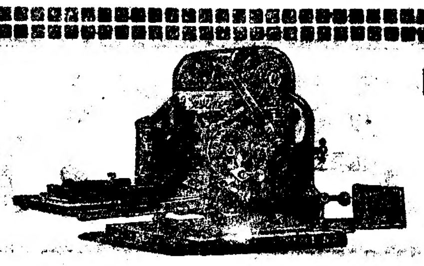
KIRCHNER

maquinas para trabalhar madeira

EM ARMAZENS

E A CHEGAR Á ALFANDEGA

grande quantidade destas maquinas



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A Gestetner

70 cópias por minuto

pode ser-nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

A. GESTETNER

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA Telefone C. [illegible]

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

Campo Intrincheirado de Lisboa

Inspecção

DOS

Serviços administrativos

Arrematação de terrenos

Faz-se publico que no dia 22 de Fevereiro de 1922, pelas 14 horas, na séde desta Inspecção, em Caxias, se procederá á arrematação em hasta publica para o arrendamento pelo praso de três anos a começar em datas designadas para cada um, de varios talhões de terreno na praia de Pedrouços, pertencentes ao Ministerio da Guerra.

As bases de licitação constam das condições que estão patentes. Os concorrentes deverão apresentar fiador idoneo. As demais condições estão patentes em todos os dias uteis das 11 ás 17 na Secretaria desta Inspecção onde se prestam os esclarecimentos necessarios.

Caxias, 6 de Fevereiro de 1922.

O secretario
José Antão Nogueira
tenente

A Portuense

Companhia de Seguros
S. A. R. L.

FUNDADA EM 1902

Capital: Esc.	500.000$00
Realizado »	50.000$00
Fundo Reserva. . .	95.000$00

SEGUROS CONTRA

FOGO E MARITIMOS

Agente: M. COSTA DUARTE

Rua das Pedras Negras, 30-1.º

Telegramas:—COSDUARTE

Telef.:—C. 1799

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000.000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000.000$

Operações—Descontos—Transferencias—Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso—Guarda de titulos—Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

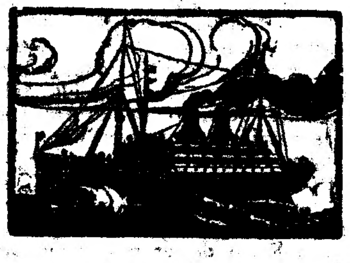
FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO—SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa



Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. LISBOA

GARANTIA

CAPITAL REALIZADO 1:000 CONTOS

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1920 Esc. 7.973.798$76,3

SEGUROS DE VIDA em todas as suas combinações entre os quais os vantajosos seguros.

FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e **MIXTO DE CAPITAL DUPLO** (que duplica o capital em caso de sobrevivencia)

Seguros terrestres, maritimos, agricolas e de automoveis

COMPANHIA DE SEGUROS fundada em 1853 com sede no Porto (edificio proprio)

Agentes em Lisboa, Coimbra, Faro, Santarem, Olhão e Portimão

José Henriques Totta, Ltd. (banqueiros) EM LISBOA tel. 533, 1500, 4076, 4152 e 4153

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:—Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & CT.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

ESTRANGEIRO

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & CT.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

EM LONDRES

UM QUADRO DO PINTOR Rembrandt que foi vendido por 2.100 guineos

A tela representa S. Filipe baptisando um eunuco, e foi vendido ha trinta anos por 30 libras

LONDRES, 6

Despertou a atenção do mundo artistico desta cidade a descoberta de uma tela de Rembrandt. O quadro representa S. Filipe baptisando um eunuco, e foi vendido num leilão por 2100 guineos. A ex-proprietaria desta obra de arte, viuva dum medico, nunca supoz ser possuidora duma obra de tanto valor O quadro fôra comprado pelo marido, ha mais de trinta anos, por 30 libras. O sr. Frank Sabin e outros peritos asseveram tratar-se de um quadro do grande artista que se reputava perdido. Foi pintado em 1628. Reconhece-se, indubitavelmente, essa faculdade especial de Rembrandt em pintar sombras luminosas, assim como o seu caracteristico trabalho de pincel. — (L. A.)

As relações do governo imperial inglês com o Egipto

LONDRES, 7

O [illegible] Alto Comissario inglês no Egipto, quando saiu do Cairo, dirigindo-se a Londres, foi objecto de uma grande ovação por parte dos membros da colonia britanica e estrangeira e da população do Egipto. O sultão enviou o seu grande chanceler para apresentar despedidas em seu nome.

A população egipcia confia em que a acção de lord Allenby seja muito util para aplanar as dificuldades existentes actualmente entre os dois paises.—(U. P.)

A delimitação das fronteiras entre a Irlanda do norte e do sul

LONDRES, 7

Nos circulos politicos ingleses segue-se com atenção o conflito suscitado entre a Irlanda do norte e a Irlanda do sul por motivo da delimitação de fronteiras. A Inglaterra manter-se-ha absolutamente neutral nesse conflito, atendendo a que o tratado anglo-irlandês determina o afastamento completo da Inglaterra de todos os negocios internos da Irlanda.—(U. P.)

SOB O REGIME "SOVIETISTA"

33 milhões de famintos ha actualmente na Russia

O QUE DIZEM:

Antonoff, antigo comandante do exercito vermelho e Muller, chefe da comissão medicinal alemã

O verão, estação feliz dos desgraçados, estava em todo o seu explendor quando já se ouviam os angustiosos clamores dos que assistiam á morte das populações russas pela fome. O governo dos «soviets» primeiro, alguns grandes humanitarios depois, como o dr. Nansen, enviavam para todo o mundo a noticia circunstanciada dos tormentos horriveis que estavam sofrendo muitos milhões de homens. Nessas noticias pediam auxilio rapido para evitar tantas mortes quantas fosse possivel em frente de tamanha calamidade; fazia-se ali que o tormento de então seria incomparavelmente maior, quando sobre os moribundos de fome começassem caindo interminaveis camadas de neve.

A resposta das potencias da Europa, todos sabem qual foi: os russos tinham um governo com que não concordavam... Alguns propuzeram que se travassem longas negociações para os «soviets» se submeterem, outros que se enviassem comissões de inquerito. E nisto se resumiu a acção dos estados do mundo inteiro.

Os socorros que se organizaram foram de iniciativa particular. As previsões dos que foram á Russia, no que diz respeito á Russia exclusivamente, verificaram-se plenamente. Agora, os habitantes do resto do mundo civilizado dizem que se lhes põem os cabelos em pé, ao terem a noticia de que na Russia se come habitualmente carne humana. Os homens comem-se uns aos outros, os menos fracos matam os mais fracos, para não morrerem. A gente civilizada horrorisa-se com a noticia destes espectaculos canibalescos.

Mas factos desta natureza, cujo numero vai aumentando diariamente, provêm exclusivamente da fome; provêm de os estados do resto do mundo não terem socorrido a Russia. Multiplicar-se-há o numero destes casos, porque até á colheita não ha mais que comer na Russia.

O dr. Nansen, no ultimo relatorio apresentado ao «comité» internacional de socorros á Russia, em Genova, diz que ha trinta e tres milhões de famintos; desses trinta e tres milhões estão irremediavelmente condenados quinze, por maior que seja o esforço empregado para os salvar.

Antonoff, antigo comandante do exercito vermelho, contou no congresso pan-russo dos «soviets»:

«Na região do Volga milhões e milhões de homens comem terra gelada e enlouquecem. Só no governo de Samara existem dois milhões de famintos. Com os socorros que lhe são enviados, dificilmente poderá salvar-se a quinta parte deles. O resto perecerá.»

Os habitantes de Samara comeram os cães e os gatos. Os cadaveres humanos estendem-se pelas ruas da cidade.

Na região do Volga superior puderam ser salvas 100.000 criaturas, de 3:000.000 que morrem de fome. De 1:000.000 de crianças, apenas podem ser alimentadas 15.000.

E assim por todo o Volga.

Os casos de loucura são vulgarissimos, assim como os de antropofagia. Frequentemente as mães matam os filhos para os não verem morrer de fome; algumas matam um dos filhos para darem de comer aos outros e a si proprias.

O dr. Muller, chefe da comissão medicinal alemã, narra, num dos seus relatorios, scenas de tal atrocidade que, se se contassem, levantariam a incredulidade geral.

O ultimo telegrama de Nausen diz: «Acabo de chegar do país da morte, e quando penso em toda esta miseria humana, em todos aqueles sofrimentos indescritiveis que vi com os meus proprios olhos, não chego a compreender como é que a humanidade pode permanecer indiferente diante de tão grande tragedia.»

Decerto não faltará quem se sirva de tamanha miseria para culpar os «soviets» no entanto, o interesse da Europa está em socorrer a Russia, porque, como disse Muller num dos seus relatorios: «As epidemias que avassalam a Russia constituem um grande perigo para Europa inteira.»

Quando se disse quo os famintos em legião se preparavam para invadir a Europa, os estados do ocidente, alarmados, pensaram em mobilizar tropas.

O perigo anunciado agora, constituido pelas epidemias de toda a natureza e pelos montes de cadaveres que apodrecem pela Russia adiante, não se vence com exercitos nem metralhadoras só poderá debelar-se com pão para os famintos e sepultura para os mortos. Mas isto rapidamente.

EM MOSCOU

AS ULTIMAS GREVES originam um conflito com as tropas-vermelhas

A policia dos "soviets", composta de chineses, pretendeu obrigar os grevistas a retomar o trabalho

REVAL, 7

Rebentaram novos tumultos em Moscou, tendo-se dado colisões entre as tropas vermelhas e os guardas da Tcheka. O conflito foi originado nas greves ultimamente declaradas em Moscou, tendo os soldados da guarda vermelha tomado o partido dos grevistas ao passo que a Tcheka, organização de policia dos "soviets", composta principalmente de chineses, pretendia obrigar os grevistas por meios violentos a retomar o trabalho. — (R.).

Lenine irá á conferencia de Genova?

HELSINGFORS, 7

Noticias recebidas de Moscou dizem que uma grande delegação de operarios se dirigiu ao Kremlin a fim de dissuadir Lenine de tomar parte na conferencia de Genova, manifestando o receio de que ele possa ali ser assassinado. — (R.).

NO JAPÃO

A VIAGEM DO MARECHAL JOFFRE

TOKIO, 7

A estada do marechal Joffre nesta cidade continúa a despertar em todas as camadas da população uma grande corrente de simpatia. A Dieta, em particular, quiz demonstrar-lhe a sua homenagem, votando por unanimidade uma saudação de cordial amisade á França. Na segunda-feira o marechal partiu para Kioto, antiga residencia dos soberanos japoneses.—(R.)

A conferencia dos embaixadores e a lista civil do ex-imperador Carlos

PARIS, 7

A conferencia dos embaixadores recebeu uma nota do governo servio em que este declara estar disposto a comparticipar nas despesas a fazer para que seja concedida uma lista civil ao ex-imperador Carlos da Austria.—(U. P.)

EM ARMAZEM
Semeadores
e cultivadores
Selecionadores
de sementes
Acessorios para
debulhadoras
TUBOS
para caldeiras
Injectores e purgadores
Manometros hydraulicos e de vapor
Etc., etc., etc.
John M. Sumner & C.º
SUCESSOR
JOSÉ J. TEIXEIRA
Av. da Liberdade, 29, 37
LISBOA

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — ás 20,45 (8 3/4) — HOJE
Deslumbrante espectaculo da
Grande Companhia de Circo
AS MAIORES NOVIDADES E ATRACÇÕES
PROGRAMAS VARIADOS TODAS AS NOITES
DELICIOSOS INTERMEDIOS COMICOS
RIR! RIR! RIR! RIR!

Empreza Internacional, L.da
Rua Augusta, 76, 1.º
TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346
TELEGRAMAS:---GALVANICA
APARELHAGEM ELECTRICA PARA ALTA E BAIXA TENSÃO
VOIGT & HAEFFNER A. G.

Marrecos, manetas, surdos
Coxos, perninhas de rã,
Gente enferma e gente sã
Ninguem pode deixar de ir
Ao APOLO ver o P A M.

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"
Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

POLITICA NOVA

O primeiro dia do governo democratico

O conselho de ministros estava marcado para as onze horas. Só começou depois do meio dia. No gabinete ha aquele movimento muito peculiar nos dias que seguem á posse. São os cumprimentos, as pessoas que aparecem a fazer-se lembradas, os vencidos a despedir-se com ar glorioso, e os velhos partidarios que trazem, sorridentes, o *muito saudar*.

O sr. Barros Queiroz veiu trazer o seu apoio pessoal e oficial ao sr. Antonio Maria da Silva. Ele nos diz:

—E' preciso dar toda a força a este governo, para que administre. Sim. Se este cair, o que se lhe seguirá?

—Dizia-se á mesma cousa do sr. Cunha Leal...

—A situação era outra...

O dr. Germano Martins veiu cumprimentar o chefe do governo. Tem um certo receio dos jornalistas, tal qual o sr. Barros Queiroz. Diz coisas que seriam interessantes para a historia, se a nosse função fôsse essa de ouvir e reproduzir, só pelo gosto especulativo de o fazer.

Alfim acabou o conselho. Parece que acabou um ensaio geral. Escapa-se este por aqui, aquele por ali. Nós escapamo-nos tambem de automovel com o presidente do conselho, que é amavel, não tanto pelo automovel, que é de pouca força, mas por consentir em nos falar precipitadamente, o que é sempre delicado para um chefe de governo.

* * *

—A politica geral do gabinete está definida já nas palavras que tenho pronunciado. Administrar em termos de trazer a confiança ao país. Lançarmo-nos todos a fundo na resolução dos mais serios problemas economicos e financeiros...

—Ha propositos estabelecidos?...

—Toda a normalização da vida nacional depende, principalmente do trabalho das pastas das Finanças, Comercio e Agricultura. Existe uma desconfiança no país perante os governos? Se existe como muita gente teima em ver, essa desconfiança tem que desaparecer, para que o país possa enfim levantar a cabeça no estrangeiro. Redução de despesas, tendencia para o equilibrio orçamental. O problema da carestia da vida, é fundamental. Sem ele não é possivel confiança nos homens que governam. Eis uma função da pasta da Agricultura. Está redito: o problema dos abastecimentos, e até o problema economico, é agora um problema de transportes.

—Pelo interior?

—Toda a politica da pasta do interior, que reflete o estado de espirito do país, é — já lhe disse — uma politica de confiança ou de desconfiança: Procuramos, procuraremos todos, insistentemente, mostrar ao país que o partido democratico, a quem se atribuem todos os males que caem sobre a patria, até quasi as desgraças de origem fisica, as tempestades, os tufões — é um partido de ordem e de administração.

E com vigor:

—Queremos administrar! Temos capacidade para isso! Se nos deixarem, se nos auxiliarem — porque o problema nacional depende de todos — este governo pode ser um governo de redenção. Para tanto procuraremos cimentar em todas as classes a confiança que o país depositou nos homens deste governo, no ultimo acto eleitoral. Feita a confiança, restabelecida a ordem nos espiritos, pode começar-se a pensar num emprestimo, base pode dizer-se de uma nova politica financeira. Receitas novas, melhoria do cambio.

—O partido democratico tem inimigos...

—Claro. Fazemos uma politica de isenção, de conciliação; politica mesmo de nobreza. Os nossos propositos são grandes e patrioticos! Mas diga que a nossa capacidade de os realizar é tambem grande e esforçada. Respeitarei adversarios leais. Se os tiver, tenho-me por feliz, colaborando com os seus conselhos criticos.

Doenças da bôca, dentes e maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia
Dentes artificiais
Em consulta especial para classes menos abastadas e a preços de policlinica, das 9 ás 10 horas, no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. do Jardim do Regedor, 51, 1.º

"ESTE GOVERNO PODE SER DE REDEMPÇÃO..."

Como o sr. Presidente do Ministerio vê a questão politica

O sr. Antonio Maria da Silva fala ao "Diario de Lisboa"

—19 de Outubro?

—O governo mantem êsse inquerito, e êle há-de continuar com toda a fôrça do nosso apoio ao magistrado que os está dirigindo. Toda! Os criminosos hão-de ser castigados! Sejam quais forem. Não só os que directamente agiram, mas os que indirectamente incitaram.

—Os outros partidos?

—Bem. Recebi já o apoio dos srs. Barros Queiroz, Alvaro de Castro, Sá Cardoso. Está de pé—de resto—o programa minimo da extinta *frente unica.*

—O sr. Cunha Leal?...

—Não tenho que me queixar dele, até aqui. Bem vê: comecei ontem. O sr. Cunha Leal prometeu-me o seu apoio. E' um homem inteligente...

—A proposito... A Conferencia de Genova?...

—O cosnelho não acabou hoje os seus trabalhos. Vou agora ao sr. Presidente apresentar o sr. ministro da Instrução. O conselho continuará depois de ámanhã.

—Pois sim... Mas Genova?

—Resolver-se-há...

Tinhamos chegado á residencia do sr. Presidente da Republica.

O sr. Antonio Maria da Silva, que nos pareceu sempre levemente nervoso, escoou-se pelo portão, seguido pela figura catedratica do dr. Augusto Nobre, ministro da instrução e pelo secretario particular tenente sr. Rodrigues Alves. Cá fora, perto do portão, brincava uma pequenita muito linda, em cabelo, que nos olhou com aqueles olhos com que as crianças fitam as pessoas que um dia as beijaram, scena que a memoria inconsciente lhes vai acordar.

—Quem é?—pergunta o nosso esquecimento a uma mendiga que acabava de receber a sua esmola.

—A filhinha do sr. presidente da Republica. Muito boa familia! A menina ás vezes até vem falar aos *chauffeurs!* Dizem que isto é á francesa...

A Maria Teresa entrou para casa e nós tomámos o electrico. Justamente, num belo Hudson de 40 HP, sósinho, perna traçada como as mulheres quando mostram ao sol as pernas de luz—descia a Avenida, desdenhosamente, o sr. Cunha Leal...

O QUE SE PASSOU NO CONSELHO DE MINISTROS

O que nos diz o sr. dr. Barbosa de Magalhães, ministro dos Estrangeiros

e o que não quere dizer o sr. Portugal Durão

Depois do meio dia reuniu o conselho de ministros, com as portas fechadas, mais do que é costume. No corredor, correios de ministros; policias, dois; marinheiros, trés. Vaga sonolencia em todos eles. Já desapareceram os pretendentes e os amigos inuteis, que são sempre as passadeiras dos ministerios. Dois juizes velhos, que são tratados com pouca deferencia vêm, em velha praxe, saudar o ministerio. Dois cartões que o continuo leva para a sala pequena da presidencia e que o sr. Antonio Maria da Silva não lerá, talvez.

A sr.ª Arade, de chapeu ridente e droguista de tintas, procura um *Santos* e afirma que ele não está no inferno:

—Ali, por detraz. Então não conhecem o Santos? Que diabo! E' bem conhecido.

Sai o sr. Jorge Nunes. Como é pouco politico não o interrompemos na sua marcha forçada. Acompanha-o um jornalista que cultiva vagamente o ar ministerial. Meia hora; bate a uma; depois a uma e meia. Ás duas rompemos o cordão dos continuos e entramos na sala pequena do Interior. Três minutos mais e aparece o sr. dr. Barbosa de Magalhães. Entram e sáem secretarios. Um pouco de confusão e entramos na sala que dá para a outra onde esteve reunido o conselho de ministros.

O sr. Lima Basto é do comercio e veste o seu *pardessus.*

Este ministerio, quanto á indumentaria, é todo de sobretudos, de chapeus de côco—vidé fotografias dos jornais.

—Por emquanto, não. A'manhã, sim, mesmo depois, talvez seja melhor.

E escapa-se.

Há três portas de saída. Por uma delas, passou, sem o vêrmos, o sr. Portugal Durão, que foi almoçar á sua casa do Pateo do Lencastre. A entrevista poderia ter sido assim:

—V. Ex.ª pensa em fazer algum emprestimo?

O sr. Portugal Durão:

—...

—O jornalista:

—Sim, diz muito bem... V. Ex.ª ainda não teve tempo de estudar os trabalhos do seu antecessor...

«Mas pensaria ele nisso?»

O sr. Portugal Durão:

—...

O jornalista ainda:

—Para equilibrar as nossas finanças é necessario realizar um emprestimo. Bem sabemos que a sua pasta é das mais dificeis de gerir... Tem muitas responsabilidades, V. Ex.ª. Talvez não seja muito dificil de conseguir qualquer coisa... Ordem e bonança.

Estamos na sala do conselho de ministros. O sr. Antonio Maria da Silva está já de sobretudo, tem um pouco de frio e um tudo-nada de impaciencia. Nenhum ministro almoçou ainda. Foi uma das razões porque o conselho de ministros foi levantado. Tambem há outra: a apresentação do sr. dr. Vasco Borges ao Chefe do Estado. E' da praxe o compromisso de honra.

Disse-se que o sr. dr. Vasco Borges cortara relações com o jornalista que está ordenando esta reportagem. Mas não é assim. Ele ainda agora nos cumprimentou, dizendo:

—Saio já

E respondendo a uma pregunta ao acaso que lhe fizémos:

—Se ainda não cheguei ao ministerio do Trabalho, como quere que já tenha chegado aos Bairros Sociais!?

E mais não diz. Pede apenas com um V. Ex.ª, pouco partidario, ao chefe do governo, uma conversa para logo, ás cinco.

O dr. Germano Martins, sempre um pouco triste desde que o sr. dr. Afonso Costa se condenou ao ostracismo doloroso no palacio da rua Mac Mahon, vai chamar o Antonio Maria, como o trata mais familiarmente o ministro dos Estrangeiros.

Foi o sr. dr. Barbosa de Magalhães que redigiu a nota oficiosa. E' laconica, como verão.

Puxado para o vão duma janela, diz este ministro:

—No conselho trocaram-se pontos de vista... E mais nada, acredite.

—A sua pasta é das mais delicadas. Aquele caso de Genova... Quem nos vai representar?

—Não sei... O conselho de ministros resolverá...

—Julgavamos que fosse v. ex.ª... A ideia de levar á sanção dos ministros a escolha dos delegados que, parece, já estavam escolhidos, implica, até certo ponto, uma ideia de discussão.

—Como sabe, o gabinete cessante deixou-nos o assunto...

—Falou-se no programa do governo...

—Falou-se...

—Mas ainda não está redigido?

—Não!

—Assenta sobre o pacto da *frente unica*... Porque nós não sabemos; isto é de ouvido, ouvido nos corredores...

—Os moldes... Sim, devem-se aproveitar. Como sabe, cada ministro redige o que diz respeito á sua pasta...

—A nota do conselho é laconica...

—E'... O Parlamento reune a 15; a nota não o diz...

—A reforma do sr. dr. Veiga Simões fica?

—Vou levá-la ao Parlamento. Ele discuti-la-ha.

Uma pregunta qualquer.

—Sim, concordo que é preciso vivificar o ministerio dos Estrangeiros. Corrente moderna, comercial. A minha opinião? Por emquanto, não.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães fica por aqui.

Do sr. Rodrigues Gaspar, que se prende um instante a conversar com o sr. Barros Queiroz:

—Ah! amigo, isto ainda é cêdo...

—Os Altos Comissarios...

O sr. Rodrigues Gaspar caminha para um *fauteuil* onde está um sobretudo. E' o dele.

O presidente do ministerio fica quasi sósinho. Esfrega as mãos nervosamente. E' a hora dos secretarios que não entendem os jornalistas, mas que muito caridosamente vão fazendo a vista grossa aos nossos *raids.*

2,25, no relogio da presidencia. Acabou tudo. Só na mesa grande uma montanha de livros de lombada grossa. São os *Diarios do Governo.* Descemos. Na Arcada, o nosso Norberto de Araujo toma logar no automovel do chefe do governo. Segue ou precede a entrevista.

* * *

Depois de ter prestado compromisso de honra em casa do sr. Presidente da Republica tomou posse da pasta da Instrução o sr. dr. Augusto Nobre, ilustre reitor da universidade do Porto.

* * *

O chefe do gabinete da Presidencia do Ministerio é o sr. engenheiro Amorim, deputado por Vila Real, e o secretario particular o sr. Rodrigues Alves. No Interior servem de secretarios os srs. José Augusto Correia e Pedro dos Santos.

* * *

E' deste frio teor a nota oficiosa desta tarde:

«O conselho de ministros reunido hoje na secretaria do Interior ocupou-se da elaboração do programa e declaração ministerial e tambem de diversos assuntos de administração publica, suspendendo os seus trabalhos, que deverão continuar noutro conselho, marcado para a proxima quinta-feira.»

A gréve dos ferroviarios da S. E.

está prestes a terminar

Pode-se dizer quasi solucionada a greve dos ferroviarios da Sociedade Estoril, visto todo o pessoal ter hoje retomado o serviço com excepção de 11 que foram demitidos.

Hoje já funcionam todos os comboios de noite, menos o das 22 e 24 horas.

A' hora de fecharmos o nosso jornal encontra-se no ministerio do Interior uma comissão de ferroviarios demitidos, a fim de falarem ao presidente do ministerio.

Os ferroviarios da C. P. reunem ámanhã, ás 21 horas, para apreciarem a gréve dos seus camaradas da S. E., sendo de prever que o conflito agora solucionado, tome uma nova fase.

Furto duma letra de 13 contos

O sr. José de Almeida, morador em Malpique, queixou-se á policia de que num carro electrico os gatunos lhe furtaram a carteira com a quantia de 50 escudos e uma letra no valor de 13 contos pagavel ao portador.

CLINICA DENTARIA
PARA CLASSES MENOS ABASTADAS
PREÇOS DE POLICLINICA
CONSULTAS DAS 10 A'S 12
MARIO MACHADO
DA ESCOLA DENTARIA DE PARIS
R. GARRETT, 74, 1.º — TELEF. C. 1486

ADVOGADOS
Pires do Vale
João de Vasconcelos
Luciano Barata
acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.
Consultas orais e escriptas desde as 11 ás 17 horas.
Rua Augusta, 129, 1.º — LISBOA